

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO EM UM MUNICÍPIO DA REGIÃO DA AMESC¹

Laura Stradioto

Licencianda em Educação Física, UNESC

Bruna Carolini de Bona

Mestra em Educação, UNESC

RESUMO: Esta pesquisa objetivou analisar a perspectiva dos professores e alunos do Ensino Médio em relação à prática conjunta de gênero ou sua ausência nas aulas de Educação Física. Trata-se de um estudo qualitativo, sendo entrevistados 2 professores de Educação Física e 134 alunos de uma escola estadual do extremo sul catarinense. Ficaram evidentes as diferenças em relação às preferências sobre a organização das aulas a partir das relações de gênero na perspectiva de garotos e garotas e a influência dos conteúdos nessa escolha.

Palavras-chave: Educação Física. Gênero. Co-educação. Ensino Médio.

THE GENDER RELATIONS AT THE PHYSICAL EDUCATION CLASSES OF THE HIGH SCHOOL IN A MUNICIPALITY IN THE AMESC REGION

ABSTRACT: This research aimed to analyze the perspective of the teachers and students the high school in relation to the joint practice of gender or lack of the Physical Education classes. It is about a qualitative study, it was being interviewed 2 physical education teachers and 134 students the state school of extreme south of Santa Catarina. The differences were evident in the preferences on the organization of lessons from the gender relations in the perspective of boys and girls and the influence of the contents of this choice.

Key Words: Physical Education. Gender. Co-education. High School.

LAS RELACIONES DE GÉNERO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA DE LA ESCUELA SECUNDARIA DE UNA CIUDAD DE LA REGIÓN AMESC

¹O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

RESUMEN: Esta investigación tuvo como objetivo analizar la perspectiva de los profesores y estudiantes de la escuela secundaria en relación con la práctica conjunta de género o la falta en las clases de Educación Física. Se trata de un estudio cualitativo, siendo entrevistados 2 profesores de Educación Física y 134 estudiantes de un colegio estatal del extremo sur de Santa Catarina. Las diferencias fueron evidentes en las preferencias sobre la organización de las clases a partir de las relaciones de género en la perspectiva de los niños y niñas y la influencia de los contenidos de esta elección.

Palabras Clave: Educación Física. Género. Co-educación. Escuela Secundaria.

1. INTRODUÇÃO

No espaço acadêmico, podemos presenciar e participar de discussões sobre as relações de gênero e a co-educação que objetiva a problematização das relações de gênero nas aulas de Educação Física. De modo oposto, podemos observar, a partir das experiências de estágio desenvolvidas no curso de licenciatura², professores que consideram as aulas separadas por sexo a melhor forma de trabalho sob a alegação de terem melhores resultados motores. Tais problematizações nos instigaram a investigar as variadas formas de se entender as aulas de Educação Física a partir das questões de gênero e sua relação com a participação, (ou não) de garotos e garotas.

A importância do estudo do tema gênero vem a partir da tentativa de contribuir com o debate sobre a hierarquização das diferenças entre os homens e mulheres que ocorrem no contexto escolar, verificando a função de professores e alunos nas aulas. Nesse sentido, levantamos a seguinte problemática: como os professores e alunos do Ensino Médio analisam a relação de gênero nas aulas de Educação Física na rede pública de uma escola da região da AMESC³?

Especificamente nos propomos a atingir o seguinte objetivo geral: Analisar a perspectiva dos professores e alunos sobre as relações de gênero nas aulas de Educação Física do Ensino Médio. Enquanto objetivos específicos elencamos: 1) Compreender o conceito de

²O Estágio obrigatório no curso de Licenciatura em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC compreende quatro disciplinas: Estágio I – análise de conjuntura e gestão escolar; Estágio II – Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental, Estágio III – séries finais do Ensino Fundamental; Estágio IV – Educação Inclusiva e Ensino Médio. Tem por objetivo possibilitar condições necessárias para que o acadêmico (a) se reconheça como professor (a) de Educação Física, mediador (a) entre o conhecimento da cultura corporal de movimento e os alunos, mediante inserção teórico-prática na totalidade do trabalho escolar.

³ Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense.

gênero e suas relações com a Educação Física escolar; 2) Analisar quais os motivos dos professores que levam a escolha das aulas com participação conjunta ou separada; 3) Compreender as possíveis implicações da escolha dos conteúdos da Educação Física e as relações de gênero.

Para dar conta dos elementos deste estudo, realizamos uma revisão bibliográfica com o objetivo de conceituar o termo gênero e entender os modos de organização das aulas de Educação Física levando em conta as relações de gênero em seu desenvolvimento. Utilizamos como referência alguns autores como Altmann e Souza (1999), Jesus e Devede (2006), entre outros⁴.

Para a realização da pesquisa, definimos uma escola de uma cidade da região da AMESC, onde reside uma das autoras do texto. A escola também se justifica pela realização do Estágio na mesma unidade, o que evidenciou a partir do período de observações e atuações, a divisão das aulas no aspecto gênero. Optamos pela escolha do Ensino Médio, pois destacamos nesse período, a partir das observações do estágio desenvolvidas no curso, uma evidente divisão entre as aulas e conteúdos desenvolvidos pelas garotas e pelos garotos.

Utilizamos uma abordagem qualitativa, por meio da pesquisa de campo. Segundo Richardson (1999), a abordagem qualitativa, além de ser uma opção do pesquisador, justifica-se, além de tudo, porque é uma forma adequada para compreender a natureza de um fenômeno. O aspecto qualitativo de uma pesquisa pode estar presente até mesmo nas informações colhidas de estudos quantitativos.

Neste sentido, foi realizado um questionário com 2 professores e 134 alunos de uma escola pública da região da AMESC, com 10 turmas do Ensino Médio. O número final se refere à amostra de um total de 200 estudantes matriculados na escola analisada. O mesmo número foi utilizado para definição da amostra por turma, sendo que, o critério de seleção dos entrevistados baseou-se nessa amostra, seguindo a lista de chamada de cada turma. A aplicação do questionário foi realizada na escola, no início das aulas de Educação Física.

A seguir, apresentamos a fundamentação teórica da pesquisa, seguida das unidades de análise destacadas das entrevistas e as conclusões que se fazem pertinentes em relação a temática.

2. GÊNERO, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA

⁴González e Fensterseifer (2005), Saraiva (2002), Auad (2003). Tais autores serviram de referência complementar no desenvolvimento da pesquisa.

Para esta pesquisa, é necessário compreender a definição da palavra gênero, que de acordo com o Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa (XIMENES, 2000, p. 469), é o “conjunto de espécies que possuem caracteres comuns [...] categoria que, por meio de desinências, distingue as palavras em masculinas, femininas ou neutras.” Sendo assim, é o agrupamento de algo que possui características em comum.

A expressão gênero refere-se à relação da construção social de sexo. Segundo Luz Junior (2003), não é apenas o sexo biológico que diferencia os homens e mulheres, mas sim aspectos sociais e culturais, que vem sendo construído historicamente. Altmann e Souza (1999, p.55) também concordam que o conceito de gênero vai além das diferenças de sexo. “[...] gênero é uma categoria relacional porque leva em conta o outro sexo, em presença ou ausência.” As autoras continuam dizendo que vai além disso, relacionando com classificação de outras categorias, pois as pessoas não são vistas somente pelo sexo, mas são classificados em diversas categorias, como idade, raça, etnia etc. Isso acontece também em espaços sociais, que incluem a escola e aula de Educação Física.

Os estudos no Brasil sobre o conceito de gênero iniciaram nos anos de 1980. Saraiva (2002) relata que a preocupação central dos estudos foi impulsionada, inicialmente, por movimentos feministas com o interesse na diminuição de poder nas relações entre masculino e feminino. Após isso, muda-se o conceito de gênero a partir de sua categoria histórica, ajudando a diminuir as imposições da cultura sobre gêneros diferentes.

2.1 A organização das aulas de Educação Física a partir das relações de gênero

A partir do conceito de gênero, pode-se perceber que há diferentes propostas para as aulas de Educação Física que influenciam na relação entre garotos e garotas em seu desenvolvimento. São elas: aulas separadas por sexo⁵, aulas mistas e aulas co-educativas, que serão tratadas a seguir.

Do mesmo modo que o conceito de gênero, as aulas separadas por sexo foram construídas pelo processo histórico da Educação Física. Silva (2012) cita que esta separação deu-se principalmente na introdução da proposta esportivizada que, segundo Bracht (1999), visa somente o esporte e suas características técnicas e físicas.

Altmann e Souza (1999) citam motivos para o acontecimento desta separação, dizendo que foi com a introdução do esporte na Educação Física escolar no Brasil, principalmente na

⁵ O termo sexo é utilizado justamente para destacar a divisão dos alunos a partir de seu aspecto biológico (sistema reprodutor).

década de 30, em que a mulher mantinha-se como corpo frágil comparada ao homem, sendo melhor nos assuntos como dança e artes. Ou seja, considerava-se que o corpo da mulher era dotado de doçura e sentimento, que são qualidades negadas pela natureza ao homem, permitindo que eles praticassem os esportes como futebol, basquete e lutas, que eram esportes que exigiam mais esforços. Sendo assim, os homens que praticassem estes esportes tornavam-se viris, e as mulheres poderiam ser consideradas masculinizadas.

As autoras continuam afirmando que, após alguns anos, as perspectivas do esporte foram mudando, aparecendo então homens participando de esportes ditos como femininos e mulheres praticando esportes masculinos, tanto em clubes quanto em escolas. Porém, apesar de participarem desses esportes, não poderiam considerar que eles participavam em conjunto.

Nesse sentido, podemos nos questionar: será que nas aulas separadas por sexo, os conteúdos são os mesmos? E se forem, qual a pedagogia trazida pelos professores para lidar com ambos os sexos? Jesus e Devede (2006) relatam que nas aulas separadas, o professor não consegue dar atenção necessária aos dois grupos juntos, onde acaba prejudicando no andamento e qualidade das aulas.

As aulas mistas são algumas propostas para as aulas de Educação Física atualmente. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9394/96 (Brasil, 1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (Brasil, 1998) dizem que as aulas mistas dão a oportunidade para que garotos e garotas possam aprender e conviver em conjunto, fazendo com que diminua a discriminação. Assim, Jesus e Devede (2006) concordam que as aulas mistas surgiram com o argumento de que diminuiriam os estereótipos sexuais e melhorariam a viabilização dos conteúdos para ambos os sexos.

Sobre isso, Saraiva (2003) afirma que somente a mistura dos alunos não garante a diminuição e discussão das desigualdades, isto porque, pode haver um tratamento diferenciado dos professores com relação a isso, não favorecendo o processo de inclusão dos gêneros em conjunto nas aulas.

Já na perspectiva das aulas co-educativas, a prática conjunta dos alunos é incentivada, oferecendo atenção igual a todos os alunos e compreendendo as suas especificidades durante as aulas. Sendo assim, Jesus e Devede (2006, p. 129) relatam que “as aulas co-educativas são uma prática na qual os alunos e alunas tendem a estarem juntos participando das atividades propostas na aula, quando podem ser problematizadas as questões de gênero inerentes às atividades.”

É recorrente nas aulas de Educação Física, os alunos criarem preconceitos e estereótipos em relação à prática dos desportos, dizendo quem deve ou não participar de cada

um deles. A co-educação busca romper essa ideia, trazendo uma metodologia para a mudança. Gonzáles e Fensterseifer (2005) dizem que na Educação Física a co-educação busca compreender e desmistificar estes estereótipos e diferenças encontradas nas vivências das aulas entre os sexos.

Os autores Jesus e Devidé (2006) mencionam que a co-educação como abordagem metodológica na Educação Física, contribui para entender o desporto e atividades físicas na relação de gênero, para combater o sexismo, livrando os alunos e alunas da imposição do que cada sexo pode praticar ou vivenciar das práticas corporais.

A co-educação problematiza sobre as representações do feminino e masculino, não somente na escola, mas em qualquer lugar da sociedade, a partir da prática da Educação Física escolar. É possível, através de ações críticas e comunicativas entre professores e alunos, proporcionar novos olhares aos alunos em suas vivências em aula. Para Gonzáles e Fensterseifer (2005), as problematizações devem proporcionar assuntos como as práticas de dominação de gênero, e, principalmente, a desigualdades entre eles.

3. ANÁLISE DE DADOS

A partir de agora, serão analisados os dados obtidos nas pesquisas com base nos objetivos desse trabalho.

Inicialmente, apresentamos a *Identificação dos entrevistados*, onde destacamos o número de alunos por turma e gênero, número de professores e sua formação. Seguida pela unidade *Educação Física e Gênero*, tratando das preferências dos alunos pelas formas de organização das aulas a partir da perspectiva de gênero. No tópico *Organização das aulas: mistas, separadas e co-educativas*, tratamos das vantagens que os alunos relatam em relação a cada organização de aula e na unidade *Os conteúdos da Educação Física e as possíveis implicações nas relações de gênero*, discutimos sobre as preferências dos gêneros feminino e masculino no que tange a seleção e preferência dos conteúdos no desenvolvimento das aulas.

3.1 Identificação dos entrevistados

A partir dos questionários, obtivemos os seguintes números de entrevistados: 2 professores de Educação Física; 62 alunas e 72 alunos do Ensino Médio. Em relação às turmas obtivemos: 1º ano do Ensino Médio - 21 garotas e 21 garotos; 2º ano do Ensino Médio - 12 garotas e 23 garotos; 3º ano do Ensino Médio - 29 garotas e 28 garotos. Lembrando que

os alunos foram escolhidos a partir da lista de chamada do professor, de acordo com a amostra estipulada pelo número total em cada turma. Os dados estão apresentados na Tabela 1:

Tabela 1: Identificação dos entrevistados

| Turma | Feminino | Masculino | Total |
|--------------|-----------------|------------------|--------------|
| 1º ano | 21 | 21 | 42 |
| 2º ano | 12 | 23 | 35 |
| 3º ano | 29 | 28 | 57 |
| TOTAL | 62 | 72 | 134 |

Fonte: dos próprios autores 2016

Os dois professores entrevistados são do gênero masculino, sendo um formado em 2003 (licenciatura plena) e o outro em 2010. Ambos possuem pós-graduação no nível de especialização e relatam ter tido em sua formação acesso a aulas com discussões de gênero, através de diálogos e debates.

Conforme já mencionado, os professores e alunos entrevistados fazem parte de uma escola pública de um município da região da AMESC, sendo que a mesma é a única unidade escolar que dispõe de formação em nível médio no município. Sendo assim, a amostra compreende o total de alunos do Ensino Médio da localidade analisada.

3.2 Educação Física e Gênero

As aulas de Educação Física relatadas pelos entrevistados (alunos e professores) são realizadas de forma mista, ou seja, garotos e garotas em conjunto. Do mesmo modo, suas preferências são por estas aulas. Os professores relatam escolher esta organização de aula, pois faz com que todos os alunos participem em conjunto, podendo ser tratadas as diferenças, facilitando também a avaliação.

Tabela 2: Preferência na organização das aulas

| Organizações das aulas | Feminino | Masculino | Total |
|-------------------------------|-----------------|------------------|--------------|
| Mista | 35% | 54% | 45,50% |
| Separada | 21% | 18% | 19,50% |
| Ambas, dependendo do conteúdo | 39% | 25% | 31,30% |
| Co-educativa | 5% | 3% | 3,70% |

Fonte: dos próprios autores 2016

De acordo com a Tabela 2, identificando as respostas separadas por gênero, analisamos que 39% das garotas preferem às aulas de ambas as formas, dependendo do conteúdo a ser tratado. 35% preferem as aulas mistas, 21% preferem aulas separadas e 5% citam a preferência por aulas co-educativas.

Em relação aos garotos, 54% preferem aulas mistas, 25% preferem às aulas de ambas as formas, dependendo do conteúdo a ser tratado, 18% optam por aulas separadas e 3% citam a co-educativa.

Assim, podemos ver uma diferença entre a preferência dos garotos e garotas, sendo que a maioria das garotas prefere a organização da aula em dependência com o conteúdo a ser tratado e os garotos apontam a aula mista como preferência. A partir disso, podemos analisar que o gênero feminino identifica a participação de garotos e garotas pela perspectiva do conteúdo, ou seja, ao tratarmos de modalidades que, historicamente, se voltam para o gênero masculino, o ideal é de que a aula seja separada. Há aqui uma grande interferência do conteúdo na organização da aula, pois, dependendo do que será tratado, varia a preferência de sua organização.

No entanto, apesar da indicação dos alunos de que as aulas são desenvolvidas de forma mista, 65,7% dos entrevistados relatam que não são discutidas as relações de gênero em seu desenvolvimento. Nesse sentido, ressaltamos a fala de Saraiva (2003) ao afirmar que, somente a mistura dos alunos não garante a riqueza das discussões de gênero.

Os 34,3% que relatam discutir, falam que algumas vezes os professores são mediadores das discussões e que às vezes os alunos resolvem sozinhos. Um dos professores diz que não há problemas de gênero durante suas aulas, pois já havia discutido com os alunos no começo do ano letivo sobre as questões. Outro professor diz que há problemas em forma de piadas e que ao final da aula se tornam conversas de conscientização, podendo ser um início para uma organização co-educativa.

A aula co-educativa tem pouca preferência pelos alunos, obviamente por desconhecerem esta forma de organização. Por esse motivo, podemos ver que apenas 3,7% dos alunos a escolheram e que, quando olhamos separadas por gênero, apenas 5% das garotas optaram por ela e 3% dos garotos.

No entanto, não podemos deixar de destacar a grande importância da co-educação, não somente na Educação Física, mas na sociedade. Conforme apontam Gonzáles e Fensterseifer (2005), as problematizações nas aulas devem proporcionar assuntos como a dominação de gênero e as desigualdades entre eles, que não ocorrem somente na escola. Nesse sentido, verificamos que nessa formação as discussões sobre gênero possuem pouco ou nenhum

espaço, o que impossibilita a compreensão por parte dos alunos do Ensino Médio em relação aos problemas de gênero e suas desigualdades. Embora a relação entre garotos e garotas não revele maiores problemas, o desconhecimento de outras possibilidades de organização das aulas nos leva a analisar a falta de problematização e discussão ao tratar desse tema.

3.3 Organização das aulas: mistas, separadas e co-educativas

Nesse tópico, trataremos das questões em que os alunos avaliaram quais as vantagens em relação às várias formas de organização das aulas a partir da relação (ou não), entre os gêneros.

Tomando, inicialmente, as aulas mistas – aquela apontada pela maioria dos entrevistados como sendo a forma como suas aulas estão organizadas - 45,9% dos alunos relataram que sua principal vantagem é a participação conjunta de todos os alunos em todas as atividades. 29,6% analisam como vantagem a socialização entre garotos e garotas, mas como vimos anteriormente, não há, nessas aulas, discussões de gênero. Essa participação conjunta que foi a resposta mais relevante, significa que todos participam juntos das atividades práticas, tendo maior aproveitamento da aula.

Quando analisamos as questões por gênero, obtivemos que 48% dos garotos acreditam que a vantagem da aula de forma mista é a participação de todos em conjunto, 28% a socialização entre garotos e garotas, 16% não vê nenhuma vantagem e 8% a aprendizagem com colegas de gênero diferente.

Já em relação as garotas, 43% relatam que a vantagem é a participação de todos, 32% a socialização entre garotos e garotas, 18% a aprendizagem com colegas de diferente gênero e 6% não vê nenhuma vantagem nessa organização.

Observamos que a maioria aponta que a vantagem das aulas mistas é a participação de todos em conjunto, o que nos leva a pensar num mesmo nível de participação entre os gêneros nas aulas, ou seja, todos participam de forma igualitária. No entanto, Altmann e Souza (1999) acreditam que mesmo com a organização de aula mista, há ainda, no espaço escolar, a prevalência masculina nas atividades, principalmente relacionadas ao esporte.

Em relação às respostas dos professores, ambos relatam trabalhar somente com aulas mistas. Um deles diz que a aula mista anda em conjunto com a co-educativa. De acordo com Auad (2003) a aula mista é um pressuposto para que tenha a co-educação, mas não é suficiente. Para que isso ocorra, depende das medidas que serão tomadas pelos professores

juntamente com as políticas públicas que objetivam o fim da desigualdade de gênero no âmbito escolar.

Seguimos analisando as vantagens apresentadas pelos alunos das aulas ditas “separadas”. 33,8% dos alunos relatam como vantagem a de que cada gênero escolhe o que quer praticar. 28,2% o menor risco de acidentes durante as aulas e 26,1% destacam como ponto positivo a relação próxima dos colegas do mesmo gênero.

Analisando, isoladamente, 33% dos garotos acreditam que a vantagem é que cada gênero escolhe o que quer praticar, 32% diz que é o menor risco de acidentes, 18% não vê nenhuma vantagem e 14% a relação mais próxima com colegas do mesmo gênero.

Já as garotas, 39% dizem que a vantagem é que cada gênero escolhe o que quer praticar, 27% o menor risco de acidentes, 24% não vê nenhuma vantagem e 13% a relação próxima com colegas do mesmo gênero.

Estes dados fazem referência a um dos motivos que levaram ao desenvolvimento das aulas separadas, que segundo Altmann e Souza (1999), cada gênero pratica algo diferente. Um dos professores diz não trabalhar desta forma, por isso, desconhece suas vantagens. Outro relata que esta forma de aula utiliza somente para treinamentos desportivos.

Sabendo que a organização das aulas dos entrevistados é mista, assim como sua preferência por seu desenvolvimento, as aulas separadas por sexo não deveriam apresentar vantagens. Mas, como vimos anteriormente, as opções apresentadas podem se dar pelo número de garotas que optam por aulas que dependem do conteúdo a ser tratado. Tal aspecto analisaremos na próxima unidade de análise.

Na opção das aulas de forma co-educativa, 53,7 % dos alunos relatam que a vantagem é a socialização entre garotos e garotas, 21% não identificam nenhuma vantagem, 13,4% a compreensão do histórico de gênero e 11,9% a possibilidade de aulas com discussões de gênero.

Analisando de forma isolada por gênero, podemos ver que 53% dos garotos apontam como vantagem a socialização entre garotos e garotas, 16% não vê nenhuma vantagem; 14% apontam a compreensão do histórico de gênero e 11% dizem ser aulas com discussões de gênero. As garotas, 55% relatam que a vantagem é a socialização entre garotos e garotas; 19% não vê vantagem, 13% diz ser compreender o histórico de gênero e 13% apontam como vantagem as aulas com discussões de gênero.

Aqui podemos analisar que os alunos desconhecem este formato de aula, mas alguns querem que ela aconteça, principalmente nas respostas que competem a ter aulas com discussões de gênero e compreensão do seu histórico. De acordo com os professores, nenhum

trabalha na forma co-educativa, mas, como dito anteriormente, acreditam que as aulas mistas andam em conjunto. Voltamos a defender aqui a importância desta organização de aula, que busca desmistificar o sexismo para além da sala de aula, lembrando a importância dos professores para que isto aconteça, na fala de Auad (2003), dizendo que os mesmos devem tomar medidas para que a co-educação se efetive.

3.4 Os conteúdos da Educação Física e as possíveis implicações nas relações de gênero

Com o auxílio das análises anteriores, juntamente com a que faremos agora, podemos identificar o porquê de garotas terem optado por uma organização de aula que dependa da organização do conteúdo a ser tratado, juntamente com a opção das vantagens nas aulas separadas, ao evidenciar que a principal é a que cada gênero escolhe o que quer praticar.

No questionário, perguntamos sobre o que os alunos do Ensino Médio mais gostam de fazer nas aulas de Educação Física. Obtivemos como respostas, analisando os gêneros de forma separada, que 45,7% dos garotos gostam de praticar futsal e 42,2% das garotas gostam de praticar vôlei. Ao inverter as preferências, somente 15% dos garotos gostam de vôlei, enquanto 27,7% das meninas gostam de futsal. Há então, uma grande diferença também nas preferências dos esportes a serem praticados nas aulas.

Apesar dos alunos terem votado nos mesmos esportes, analisamos diferenças consideráveis entre os garotos e garotas em suas preferências. Segundo Saraiva (2002), são processos culturais que levam a essa escolha. Processos esses, que fazem os alunos crerem, mesmo sem perceber, que cada gênero tem seu conteúdo diferenciado. Ainda assim, mesmo que os alunos não considerem o futsal e o vôlei esportes generificados, Altmann e Souza (1999) destacam que isso não diminui a ideia trazida com a introdução do esporte na Educação Física de que a mulher é mais frágil que o homem.

Ainda reproduzimos o processo de introdução dos esportes na Educação Física, afirmando, assim, o que Saraiva (2002) aponta sobre a reprodução da cultura dominante. Mas também podemos transformá-la, e a co-educação vem para esta transformação, sendo a metodologia para a mudança. Gonzáles e Fensterseifer (2005) dizem que a co-educação na Educação Física busca compreender e desmistificar os estereótipos e as diferenças encontradas nas aulas entre os sexos. No mesmo sentido, Jesus e Deive (2006) alegam que a co-educação contribui também na compreensão do desporto e atividades físicas para combater o sexismo e livrar os alunos dessas imposições dadas pela cultura dominante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da escolha da metodologia utilizada, conseguimos obter importantes resultados para a análise de dados. Com o número de alunos entrevistados, conseguimos nos aproximar da totalidade e com isso, qualificar a pesquisa no sentido de sua abrangência.

Podemos perceber que apesar das aulas serem mistas, ainda há uma cultura dominante que faz com que os alunos, mesmo sem perceberem, tornem os esportes generificados. Ou seja, ainda há esportes ditos como femininos e masculinos, principalmente no momento em que os alunos apontam as vantagens das aulas separadas por sexo.

Podemos dizer então, que a construção histórica do esporte masculinizado ainda influencia nas aulas de hoje. Podemos refletir sobre a ideia dos preconceitos históricos – sociedade, família, escola!

Já os professores, escolhem as aulas mistas, pois acreditam na facilidade de trabalhar em conjunto, tanto na avaliação quanto na aprendizagem. Entendem que por conta dos alunos desenvolverem as aulas em conjunto, isso leva a pensarem da mesma forma também.

Afirmamos a importância da atuação do professor na construção de ações co-educativas, destacando seu papel na construção de ações que problematizem e esclareçam sobre questões de gênero, objetivando uma relação igualitária entre garotos e garotas, sendo um passo fundamental para diminuir as desigualdades sociais, preconceitos, discriminações e entre outras questões que estão relacionadas às diferenças entre gêneros.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; SOUSA, Eustáquia Salvadora de. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. In: **Cadernos Cedes**, ano XIX, 1999.

AUAD, Daniela. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria de gênero. **Revista USP**, São Paulo, n.56, p. 136-143, dezembro/fevereiro 2002-2003.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. In: **Caderno Cedes**, Campinas, ano XIX, 48, pp. 69-88, ago. 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física**. Brasília: MEC. 1998.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2005. 421 p.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. In: **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

JUNIOR LUZ, Agripino Alves Luz. **Educação física e gênero: olhares em cena**. São Luís, MA: UFMA, 2003. 160 p.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl São Paulo: Atlas, 1999. 334p.

SARAIVA, Maria do Carmo Oliveira. **Por que investigar gênero na educação física, esporte e lazer?**. In: **Motrivivência**, ano XIII, 2002.

SARAIVA-KUNZ, MC. **Dança e Gênero na Escola: formas de ser e viver mediadas pela educação estética**. 2003. Tese (Doutorado em Motricidade Humana na especialidade de dança)-Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2003.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. 2ª Ed, reform. São Paulo: Ediouro, 2000.